

## Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007)

*In memoriam*

Aníbal Alves\*

“... Não quebrará a cana fendida, nem apagará a mecha que fumega, até conduzir à vitória a justiça.”

*Evangelho de Jesus Cristo.*<sup>1</sup>

Decorrido um ano sobre a morte do saudoso Professor Lúcio Craveiro da Silva, Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho, é com vivo sentimento da sua presença real na minha vida e pessoa que gratamente me junto aos amigos e companheiros convocados pelo seu ilustre sucessor, Professor José Viriato Eiras Capela, para dizermos na nossa *Forum* uma palavra de evocação e memória do nosso Primeiro Presidente. É certo que todos nós, aqueles que tivemos a honra e o privilégio de viver com ele a singularidade deste órgão da Universidade do Minho, usufruímos também em outras circunstâncias institucionais e pessoais, do convívio e relacionamento ímpar com que o Professor Lúcio presenteava os seus amigos. Tenho a felicidade de me contar entre estes. A consciência de sermos talvez inumeráveis não diminui minimamente aquele pessoal contentamento, plasmado que está na

---

\* Antigo presidente do Centro de Estudos Lusíadas e Professor Catedrático do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

experiência histórica e directa de cada um de nós. É dessa experiência que recolherei alguns momentos, gestos, traços, ideias, partilhados com o Professor Lúcio, agora registados com a amizade em que nasceram e o afecto da nossa definitiva convivência.

Começando pela egrégia figura do Presidente do Conselho Cultural, evocarei, em seguida, de forma breve, alguns traços que mais me impressionaram, no seu Magistério, como Professor, Investigador, Pensador e Humanista, e na sua vida de religioso e sacerdote da Companhia de Jesus.

## 1

### O Presidente do Conselho Cultural

O Professor Lúcio Craveiro dedicou os últimos vinte anos da sua actividade académica na Universidade do Minho ao Conselho Cultural, como seu primeiro Presidente<sup>2</sup>. E se é manifesto que a pessoa se afeiçoou ao cargo, não será menos certo que o cargo tenha revestido os traços e o estilo da pessoa que lhe deu forma e existência harmónicas. Fazer muito com muito, é, sem dúvida, mérito e poderá mesmo ser grande mérito. Mas fazer muito com pouco é certamente mérito maior. Lúcio Craveiro foi assim no Conselho Cultural da Universidade do Minho, pois aí, de modo particular me apraz dizer, fez-se muito com pouco (falo principalmente dos meios materiais). E foi assim, em grande medida, por acção do seu Presidente, juntamente, sem dúvida, com a competência, generosidade e qualidade humana dos seus membros.

A minha participação no Conselho Cultural situa-se na fase inicial, de 1986 a 1996, como membro convidado no começo e depois como Presidente do Centro de Estudos Lusíadas, Unidade Cultural em que tive a honra de suceder ao seu iniciador, Professor Vítor Aguiar e Silva, quando ele assumiu as funções de Vice Reitor da Universidade. Em 1996 deixei, com pena, o Centro e o Conselho, face à incompatibilidade sentida de honrar adequadamente os seus programas de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, a direcção do

departamento de Comunicação e a do novo Curso de Comunicação Social, no Instituto de Ciências Sociais. Permaneci, no entanto, muito ligado ao Conselho Cultural e aos seus membros, cujas estimulantes iniciativas continuei a seguir com muito interesse.

Guardo as melhores recordações da minha modesta participação na acção intensa, plural e marcadamente participativa, do Conselho Cultural. Nem as suas incertezas, carências e outras fragilidades me impediram a real adesão a seus projectos e realizações. A história, entretanto concretizada em actos e obras, deu larga razão aos homens e mulheres que então, crenes na sua missão, juntamente com o seu inspirado Presidente, souberam tornar-se notáveis Animadores de Cultura, criada, cultivada, difundida, acarinhada na, pela, e com, a Universidade do Minho, como sua casa própria.

Nada mais expressivo do que vivi e concebo sobre o passado e o futuro do Conselho Cultural do que a palavra escrita pelo próprio Presidente: "A fim de dar uma unidade organizativa de fundo e evitar uma dispersão de energias, os Estatutos da Universidade do Minho, juntando todas estas Unidades, criaram o Conselho Cultural como «órgão de consulta do Reitor e do Senado Universitário, no quadro da acção cultural da Universidade, e da coordenação das actividades das Unidades Culturais» (art.º 32).

Devido à força de cooperação destas Unidades e do esforço generoso e inteligente dos seus membros, o Conselho Cultural desenvolve, sob orientação da reitoria, numerosas actividades culturais como exposições, dias de estudo, colóquios, comemorações e semelhantes iniciativas que marcam presença expressiva no panorama cultural da Universidade do Minho. De entre eles é justo chamar a atenção para a atribuição anual do Prémio de História Contemporânea (criado pelo Doutor Victor de Sá) para trabalhos de investigação no domínio da História Contemporânea de Portugal, de 1820 até ao presente, e a publicação semestral da revista *Forum* que além de editar trabalhos de investigação sobre figuras e eventos culturais sobretudo da Região Norte e documentação vária, dá notícia das principais actividades das Unidades Culturais. Promove ainda, anualmente, homenagens a figuras relevantes da vida cultural minhota.

É evidente que toda a Universidade desenvolve uma mensagem abrangente intrinsecamente cultural mas, dentro desta mensagem, este Conselho, como

órgão da Universidade, promove a coordenação e cooperação das Unidades Culturais e estabelece a ligação entre a Universidade e a comunidade no âmbito da sua competência e decide sobre os demais assuntos que lhe forem cometidos pelo Reitor.

Entre os vários êxitos da ainda jovem Universidade do Minho quase com certeza se deve incluir a actividade modesta mas persistente e significativa do seu Conselho Cultural"<sup>3</sup>.

Nem foram outras as linhas que diversa mas convergentemente foram traçadas na célebre Primeira Reunião do Plenário do Conselho Cultural, a que presidiu o próprio Reitor, e juntou os seus 27 membros. Dela nos guardou fiel memória o Secretário, Dr. Henrique Barreto Nunes, ilustre Director da Biblioteca Pública de Braga. Que privilégio nos foi dado na felicíssima conjugação do duo Presidente e Secretário do Conselho, tal como da direcção da sua Revista *Fórum!* É o n.º 3, p. 61-63 que refere o acontecimento e a lista dos nomes dos 27 membros. Uma saudade incontida emerge da leitura daqueles 27 nomes, pessoas irmanadas no ideal da cultura. Sem menosprezo de nenhuma, antes com a compreensão de todas, detenho-me, mais sentidamente, nos nomes da Dra. Assunção Vasconcelos, directora do Arquivo Distrital, membro permanente do Conselho e da Direcção da *Forum*, e do Dr. Joaquim António dos Santos Simões, no momento em representação do Senado da Universidade, mas na realidade, incansável obreiro do Conselho Cultural, *avant la lettre*, e desde a fundação da Universidade, quer por função institucional, quer por acção própria. O Professor Lúcio, por certo, veria com agrado a associação destes saudosos e meritíssimos membros do Conselho, seus amigos, meus, nossos amigos, à evocação da sua memória.

O Conselho Cultural, agora sob a alta competência do Professor José Viriato Eiras Capela, prosseguirá no contínuo aumento de suas capacidades, projectos e acções. Dele pode sem dúvida afirmar-se o que se aplica à Universidade, de que é parte: são feitos para grandes coisas. Obra de homens e mulheres de talento e devoção à causa comum do conhecimento e da arte, alcança uma espécie de forma transcendente na qual aqueles mesmos sobrevivem. A admiração e contentamento pelo muito e bom que estas instituições já fizeram são augúrio propício de novos benefícios para a comunidade que servem e

que muito delas espera: são árvores de grande porte, capazes de atravessar séculos, na paciente tarefa que prosseguem de construir, conhecimento, saber, técnica, arte, cultura, no continuado aperfeiçoamento dos homens. Nesse sentido continuarão, continuaremos, o caminho andado com o primeiro Presidente do Conselho Cultural.

## 2

### O Professor Lúcio Craveiro da Silva

Como é bem sabido, vários foram os títulos, cargos, funções que ocasionaram outras tantas designações da sua pessoa. Todavia, no meio da Universidade do Minho, da cidade de Braga, que ele fez sua e ela seu, e mesmo mais além, nenhum epíteto ganhou expressão mais estável e comum do que o de professor. Compreensivelmente! Foi o seu modo de trabalho ou profissão, como participante na obra comum para a sociedade que fazemos e somos. Uma circunstância particular, ainda na sua vida de estudante, o impeliu (e nesse sentido recebeu conselho) para o trabalho intelectual do estudo e da escrita. É que a sua frágil compleição e sinais de pouca saúde não pareciam compatíveis com actividades a requerer esforço físico... O próprio Professor Lúcio confessava que a consciência da debilidade e até a ameaça de grave doença ou morte prematura, o motivaram a lutar tenazmente contra a adversidade e contra o tempo, através da escrita. Em boa hora! Fazendo da necessidade virtude, a força anímica não só reduziu a fraqueza orgânica, como a transformou na sólida pessoa que atravessou o século a empreender e realizar a magnífica obra que hoje admiramos. É verdade que o seu gosto e dedicação pelo estudo e investigação haveriam de ser, com demasiada frequência, condicionados. E de que maneira! Na militância académica, como na militância religiosa, o professor-docente teve de ceder lugar ao professor-director, coordenador, presidente, reitor. Mas foi sempre o homem do pensamento e do estudo, o filósofo das ideias e da acção, ou seja, das ideias incarnadas, aquelas com que os homens fazem o mundo e a história, se fazem a si próprios e suas sociedades. Na docência *sticto sensu*, como na criação de linhas de investigação ou de áreas discipli-

nares, na fundação e direcção de Institutos, Faculdades, Universidades, no papel tão relevante de formador de novos membros e equipas, foi sempre o homem do pensamento profundo e largo, amante das Ideias em permanente renovação e expansão, no progressivo desenvolvimento do homem, em todas as suas dimensões.

Tenho naturalmente o maior apreço e admiração pelo pensamento e obra do Professor Lúcio amplamente manifestos no seu duradouro magistério, quer no sentido do ensino das diferentes disciplinas filosóficas, sociológicas e políticas que professou, quer na concepção, direcção e execução de projectos de investigação e de programas de formação, ao mais elevado nível, quer ainda no cabal desempenho dos mais exigentes cargos de governo de Universidades, Faculdades, Institutos, Departamentos e seus diversos órgãos. Não farei aqui mais do que evocar, com profunda admiração e júbilo, a grandeza do valor e mérito da acção e obras realizadas, remetendo para os autorizados estudos e comentários que seus ilustres discípulos, condiscípulos e distintos pares académicos, em boa hora e em públicas manifestações lhe dedicaram. Com particular satisfação me identifico com o sentido da homenagem académica que as duas Universidades, a que deu vida e alma, prestaram ao seu emérito Professor: *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*,<sup>4</sup> obra do Centro de Estudos Humanísticos, da Universidade do Minho, em 1994, por ocasião do seu octogésimo aniversário; *Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva*<sup>5</sup>, obra da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, em 1996. Sabiam bem, os promotores e realizadores dos dois empreendimentos, o incomparável valor da sua oferta ao Homem das Ideias, dos Livros, do Ensino e da Investigação. Bem hajam eles que se honraram mais, honrando o Mestre, e nos beneficiaram com novas perspectivas, quer sobre a obra e pessoa do Professor Lúcio Craveiro, quer sobre as matérias científicas das respectivas especialidades, umas e outras de inequívoco proveito e exemplo. Qualquer acrescento da minha parte aos estudos e comentários produzidos para as referidas obras, bem como outros de análoga natureza e mérito, seria não só redundância mas pretensão igualmente inútil. Não resisto, todavia, a remeter para dois admiráveis textos escritos pelo Prof. Acílio Rocha, com a competência ímpar de pensador e companheiro de Disciplina do Professor Lúcio Craveiro, e com a clarividência que a amizade profunda lhe facultou: “‘Perspectivas da Prospectiva’: acerca da obra de Lúcio Craveiro da Silva”,

integrado na referida Homenagem de 1996<sup>6</sup>; "Proémio" a abrir *Biobibliografia sobre a Universidade*<sup>7</sup>.

Tão pouco me deterei na figura de Reitor da Universidade do Minho, que só aceitou ser, mediante eleição democrática pela comunidade académica<sup>8</sup>. Por diferentes razões, mas especialmente por ocupação a preparar o doutoramento, estive mais distante da Universidade, durante esse período. Recorro à palavra lúcida e ponderada do Professor Vítor Aguiar e Silva acerca do governo do Reitor Lúcio Craveiro que expressa bem o meu próprio sentimento: "Tendo assumido o governo da Universidade num período de alguma conturbação e fragilidade internas, ele foi o Reitor da sabedoria e da prudência que soube serenar espíritos e congregar vontades, tendo justamente ganho uma autoridade moral que continua a ser um património inestimável da Universidade do Minho"<sup>9</sup>.

Após a sua jubilação, como Reitor, em 1995, o epíteto de Professor, tal como a figura, por certo, tornou-se ainda mais corrente e quase familiar no mundo académico, especialmente na Universidade do Minho e na própria Faculdade de Filosofia da Universidade Católica. O que correspondia à pura realidade pois em ambas prosseguia, de vários modos, o seu magistério. Sinto gosto, por isso, em destacar a sua qualidade de Professor. A categoria assentava-lhe como uma luva. Penso mesmo que lhe agradava. Mas também creio que lhe agradava particularmente enquanto categoria partilhada com outros, os seus pares, incluindo seus ex-discípulos.

O *ser-professor* foi, de todo o modo, o lugar em que a nossa comunhão de ideal ganhou maior intensidade de acção e convívio. Apraz-me, sobretudo, enaltecer esta dimensão da figura do Professor Lúcio Craveiro da Silva, porque foi, a meu ver, neste ofício que ele mais alicerçou e fez crescer o estudo aprofundado das Ciências e das Disciplinas, com a dedicação e entusiasmo de verdadeiro paladino das ideias. Homem das Ideias, do Conhecimento, e professor, porque homem de ideias! Para ele, a História, os Homens, as Sociedades, a Acção e a Vida, realizam-se e entendem-se pelas Ideias! É pelo valor supremo desta concepção que o professor, todo o professor, qual operário das ideias, mereceu ao Professor Lúcio, invulgar estima, admiração e defesa. Esta concretização da sua concepção manifesta bem, aliás, o seu entendimento da natureza das Ideias, radicalmente oposto a qualquer idealismo des-realizante e alheio à acção



vital. Nem outra evidência mais expressiva se desprende da vida de acção permanente de Lúcio Craveiro da Silva: homem das ideias, sim, não menos empenhado na concepção e contínuo aprofundamento delas do que na sua concretização em acção e vida. Quão inspirada andou a Universidade do Minho, quando deu o nome de Lúcio Craveiro da Silva à nova Biblioteca Pública de Braga – *Bibliópolis*. Simbólico título a perpetuar a acção do Homem das Ideias e dos livros, feliz tributo da Universidade ao seu Professor, assim irmanados na alta missão de prestar à comunidade ensino e instrução pública.

O apreço pelos professores foi uma constante em Lúcio Craveiro. Ele estimava os professores e repetia frequentemente quão importante era defendê-los e apoiá-los. É que, sublinhava, além do mais, custava muito “fazer um professor”. E coisa tão preciosa, como poderia ser menosprezada, ou, de qualquer modo, inibida na sua acção e justa realização? Sabia do que falava. Ele próprio responsável pela formação de homens, em diferentes níveis e contextos, conhecia como o aperfeiçoamento humano é coisa árdua, delicada, e incerta. Mas por tão valioso, merece bem todos os meios, sacrifícios e entusiasmos, quer para a sua edificação, quer para sua inabalável preservação. É incalculável o benefício que um professor traz à sociedade que o gera. Por isso, tinha os professores em tão grande conta. Recordo com emoção o gesto do Prof. Lúcio Craveiro na cerimónia em que lhe foi entregue a medalha de ouro atribuída pela Universidade do Minho: agradecia, reconhecia a medalha, mas confessava duvidar do seu mérito pessoal. Aceitava-a, no entanto, enquanto dirigida, através da sua pessoa, aos professores. Esses são o destinatário apropriado. Como que, explicitando, o que me fazem a mim está certo, na medida em que é feito, a um deles, a um professor.

O meu “destino” de professor, permita-se-me a expressão, tem assinaláveis marcas do Professor Lúcio. É certo que nunca fui seu aluno, em sentido restrito, em alguma disciplina específica. Não é menos certo, no entanto, que vivemos inequivocamente, uma original relação e experiência de mestre-discípulo. É verdade que esta sempre foi envolvida de amizade. A dedicatória no seu livro, *Ensaio de Filosofia Cultural Portuguesa*<sup>10</sup> oferecido aquando da minha agregação, lembrou-mo bem: “ao Doutor AA....., que sempre estimei *como amigo*”.

Assim fora já, sem dúvida, quando me enviou a ser “professor” no Colégio da Companhia de Jesus, Instituto Nun’Alvres, junto a Santo Tirso, em 1965,



imediatamente após a conclusão da licenciatura em Filosofia e do Curso de Humanidades. Outros gestos, encontros, sinais se seguiram. Tal como, anos volvidos, me sossegaria a dúvida de aceitar o convite para entrar na Universidade do Minho, face a um outro, em simultâneo, para a Universidade Nova de Lisboa. E tal como, ainda, um pouco mais adiante, me havia de dar posse de professor da Universidade do Minho, no exercício das funções de Reitor. Pontos de encontro, caminhos, veredas, descoberta de insuspeitados sentidos. Na nossa Universidade do Minho, ao longo de trinta anos, continuámos mestre-discípulo e, cada vez mais, por cumplicidade e dom da sua parte, como companheiros empenhados nessa espécie de transcendente missão que reconhecemos à universidade. Por ela fizemos razão de vida. E, entre êxitos e fracassos, vimos que foi bom, muito bom.

### 3

## O Padre Lúcio Craveiro, da Companhia de Jesus

De todas as dimensões que conheci, admirei e de que beneficiei, na pessoa do Professor Lúcio Craveiro, é por certo na sua qualidade e condição de sacerdote jesuíta que mais profundamente o identifico e estimo. Foi também a mais primitiva e duradoira, a que me franqueou vivências e experiências mais simples e até banais e, também, as mais reveladoras dessa espécie de transcendência humilde a que o Padre Lúcio ascendeu, em passo decidido e certo, por vezes como que vogando sobre as águas, direito ao horizonte firme do seu ideal.

A simpatia marca a recordação mais longínqua que guardo do Padre Lúcio Craveiro. Ela deu o mote para a nossa relação futura: reconhecimento, estima, e estímulo anímico, foram os traços fortes do nosso primeiro encontro de há 47 anos.

Estávamos no final do ano de 1961. Acabáramos de representar a peça dramática, "Tempestade no Cane", adaptação de *Revolta na Bounty*,<sup>11</sup> do nosso Professor de Teoria Literária, História da Literatura e da Literatura Portuguesa,

Pe. João Mendes<sup>12</sup>. O salão de actos da Casa da Torre, em Soutelo – Vila Verde, ao tempo, a Comunidade da Província Portuguesa da Companhia de Jesus para a Formação dos Escolásticos Jesuítas, enchera por completo com residentes e visitantes. Coubera-me desempenhar o papel de advogado tenente aviador. No final, entre aplausos e satisfação, de assistência, actores, técnicos e ensaiador, aparece junto ao palco, o Padre Provincial, o até há pouco Reitor da Faculdade de Filosofia de Braga, Padre Lúcio Craveiro da Silva. Nunca o contactara. Felicitou o ensaiador e os actores pelo belo espectáculo e qualidade dos desempenhos e, dirigindo-se também a mim, deu-me parabéns pela interpretação do advogado, que muito admirara. E acrescentou, sorrindo: mas onde foi arranjar aquele *bigode à Estaline*? E rimos todos, perante a surpreendente associação, tão contrária às ortodoxas referências do nosso ensaiador-caracterizador.

O seu amável gesto tocou-me e ficou! E a simpatia passou do teatral bigode à Estaline, depois repetidamente lembrado, para a relação amiga que a vida nos permitiria tornar cada vez mais forte e duradoira. Por mérito principal dele, sem dúvida, como seu foi o primeiro gesto. Abençoado gesto que muitos outros vieram confirmar e ampliar na relação generosa de doação e bem-fazer em que a extraordinária vida de Lúcio Craveiro da Silva se realizou.

Escrevi *extraordinária* e o adjectivo surpreendeu-me. Mas apenas por segundos. A surpresa não foi dúvida da propriedade do adjectivo; foi do repentino contraste entre a clara visão do extraordinário valor do grande Homem que foi e é Lúcio Craveiro da Silva e a visão não menos real da figura simples e, mesmo, humilde, da vida diária que ele me permitiu testemunhar. É a breve memória de alguns gestos e palavras desse convívio que aqui deixo, revendo com piedade e gratidão a sua vida de bem fazer e bem querer, no afã do trabalho como no zelo da virtude, referindo apenas os seguintes traços que mais me revelaram a sua pessoa: 1 – Aprendiz por condição; 2 – Homem de Valores; 3 – Da Mansidão à Justiça; 4 – O Amigo; 5 – A paixão do Ideal.

### 3.1

#### Aprendiz por condição

O gosto de aprender foi uma constante da vida do Padre Lúcio. Lembro dois ou três casos da minha experiência.

#### Actualização permanente

Corria o ano de 1972, em que me encontrava na Bélgica, a estudar na Universidade Católica de Lovaina, quando, juntamente com outros estudantes da Companhia de Jesus, recebemos a visita do Padre Lúcio. O novo campus de Louvain-La-Neuve erguia-se a bom ritmo e ele, antigo aluno da velha Lovaina, desejava testemunhar esse acontecimento. Impressionou-me como se juntou a nós, na fila da cantina... Depois confiou-me outro objectivo: quero recolher elementos do que agora se faz por aqui sobre a disciplina que estou a preparar sobre História das Ideias. É que temos de estar sempre atentos e actualizados. Se vir alguma coisa a este respeito pela Faculdade de Ciências Económicas Políticas e Sociais, onde funciona o seu curso de Comunicação Social, dê-me conhecimento. Já não me recordo do que lhe remeti em concreto, mas trocámos informações e opiniões que, afinal, havíamos de desenvolver, um pouco mais tarde, no Curso de Relações Internacionais da Universidade do Minho<sup>13</sup>. Naquele momento e para além das informações e conhecimentos, impressionou sobretudo a presença do Mestre, a confortar jovens religiosos estudantes universitários, com sua palavra clarificadora e o exemplo discreto, estimulante, amigo.

O Prof. Lúcio a guiar automóvel?

É verdade. Foi outra surpresa do persistente aprendiz. Encontrava-me a fazer um estudo intensivo em Évora, no Instituto Económico e Social, a que o Professor ao tempo presidia, sendo também Superior da Residência da Companhia de Jesus, na qual me acolhera. Tendo sabido que ele se deslocaria a Lisboa de automóvel, consultei o Irmão Leão que tinha, entre outras, a função de motorista, sobre a possibilidade de os acompanhar, o que ele considerou logo favoravelmente, a prever a resposta do Padre Reitor. E assim foi. Na manhã

seguinte, cedo, lá me apresentei à partida. E foi aí o meu espanto: o Padre Lúcio diz para o Irmão Leão: eu posso guiar uma parte da viagem, está bem? Com certeza, anuiu o Irmão. E, sem prejuízo dos solavancos iniciais, lá seguimos a aventura, não me lembro bem se até Montemor, ou um pouco menos. Admirável, a compreensão do Irmão Leão para com o motorista-aprendiz! Não menos admirável, a vontade de aprender daquele homem, aprender sempre mais, para poder servir mais e melhor a Deus e ao próximo, que tal era o seu critério. E assim, entre muitas outras dádivas, tive também a da *boleia* "stricto sensu" daquele tão especial condutor!

E para quê gelo, no inchaço?

Foi outro testemunho da alegre humildade de aprender aos 90 anos. Costumava eu visitar o Prof. Lúcio na Casa da Companhia, onde residia, à rua de S. Barnabé, pouco antes da quinzena de férias de Verão, a que ele era fiel desde há muitos anos, na sua Beira natal. Regressava de lá – dizia, inteiramente refeito do desgaste do ano académico. Assim aconteceu na véspera da sua partida para as férias de 2006, juntamente com seu amigo e companheiro, Padre Luís Archer. Logo à entrada, apercebi-me da perturbação do porteiro, entre atendimento telefónico e vozes cruzadas de que distingui a do Prof. Lúcio, a quem o Prof. Luís Archer pedia para ficar sentado enquanto ele procurava o Irmão Enfermeiro. Explicou-me então o Prof. Lúcio como tropeçara num dos aquecedores da sala e caíra para a frente, ferindo-se ligeiramente num joelho e também, por pressão dos óculos, na parte superior do nariz, que sangrava um pouco. Mas sossegou-me. Que não era nada, que o Prof. Archer é que estava a preocupar-se por ele, mas que já se sentia bem. Propus então que uma vez que o Enfermeiro não aparecia, subíssemos para o andar da Comunidade, junto do gabinete médico e cozinha, onde tivéssemos gelo para colocar nos hematomas. Riu-se de surpresa e perguntou-me: para quê o gelo? É o que a minha esposa usa lá em casa sempre que um filho ou alguém se magoa. Parece que ajuda a desinflamar. E lá fomos para o gabinete onde procedemos à aplicação de gelo nos dois hematomas. O Professor Lúcio sorria a segurar os cubos de gelo e a comentar: já aprendi mais uma coisa nova: o poder curativo do gelo! Esta é boa! E agradecia, já mais aliviado. E, como sempre, bem disposto, pediu-me para abrir um pouco a janela, pois estava a precisar de um cigarro.

Chegados Enfermeiro e Médico, logo o Prof. Lúcio os sossegou dizendo como se encontrava bem. Acompanhei a consulta e curativo e pude observar, tal como em ocasiões semelhantes, a atitude de humilde disponibilidade do Prof. Lúcio, sem por isso deixar de afirmar a sua vontade. “Obedeço ao que o Sr. Doutor mandar, pois penso que devo obedecer aos médicos. Mas peço que não mande alterar a minha partida para férias amanhã, às sete da manhã, como está combinado”!

### 3.2

#### Homem de valores: perenidade e mudança

O alto critério para discernir, aconselhar e decidir, é traço forte da personalidade de Lúcio Craveiro. Lembremos, por exemplo, o recente papel desempenhado no “Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida”, ao longo dos seus dois primeiros mandatos (1991-1996 e 1996-2001), entre muitos outros órgãos de governo ou consulta que foi chamado a exercer. Mas a clarividência do discernimento, tal como a firmeza da decisão não levaram este homem a qualquer atitude de autoritarismo, imobilismo, ou intolerância. Como já lembrei, sempre se considerou um aprendiz. Fiel à verdade e virado ao bem, tinha consciência aguda de não ser deles possuidor. Aberto ao conhecimento novo e atento à descoberta, era seguríssimo nos valores. Veja-se como enalteceu a sabedoria da constância e da abertura em relação aos valores, no seu amigo e par da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Adriano Moreira, quando lhe teceu o elogio para o Doutoramento *honoris causa*, concedido pela Universidade da Beira Interior, em Abril de 2002. Para tanto tomou a ideia e imagem concebidas e confessadas pelo próprio Professor Homenageado nas seguintes palavras: “Eu julgo – fala o Prof. Adriano Moreira – que a nossa época, e Portugal não está imune disso, é como todas as épocas uma época de revisão de valores, porque os valores estão sempre em revisão, mas existem pontos críticos. Aquilo que nós procuramos fazer, é ser como o eixo da roda. Eu procuro sê-lo quando digo: sei o que é a Pátria, eu sei o que é a Nação, eu sei o que é a História, eu sei o que são os valores que quero defender. Quando digo isto, procuro ser fiel ao que chamo eixo da roda. Quero dizer, a roda é destinada a andar, tem que andar, vai por toda a parte, atravessa paisagens, atravessa estradas

boas e más – o eixo acompanha a roda mas não anda. Os valores para mim são como o eixo da roda”<sup>14</sup>. E logo continuava o Prof. Lúcio Craveiro: “ Não depararemos nesta sua comparação tão simples como significativa a explicação mais profunda do seu ideal de universitário que permanece atento mas firme na actual revisão dos pontos críticos dos valores? À nossa volta discutem-se e mudam-se os valores da pessoa humana, da pátria, da nação, da legalidade, da colaboração e competitividade do mundo político, económico, social, religioso e educativo; estremecem a estrutura e a missão das universidades. Tudo isso é a roda que gira à sua volta, à nossa volta. Mas tudo isso é analisado, ponderado e julgado do ponto e vista do eixo que, embora acompanhe o rodopiar da roda, persevera atento ao direito, à justiça, à grandeza do homem e das nações. Nas suas penetrantes análises ele permanece fiel à inspiração da sabedoria que sabe compreender, às leis da ciência que sabe aplicar e às leis da consciência que quer firme e coerente. Por isso o Prof. Adriano Moreira ultrapassou as tempestades e prossegue no ensino, vogando à superfície das ondas, com dignidade, com sabedoria e com a inovação de grande universitário.”<sup>15</sup>.

Ao identificar assim o segredo do amigo na sábia arte de conjugar mudança e permanência, não é, em certo modo, a sua própria virtude que se expressa? Foi, de todo o modo, com tais virtude e arte que ele levou o seu barco a bom porto, numa travessia longa em que não faltaram estreitos e cabos de grande tormenta.

### 3.3

#### Da Mansidão à Justiça

A fidelidade de princípios e valores que foi seu timbre, longe de mover o P. Lúcio Craveiro a qualquer intransigência ou intolerância, conviveu harmoniosamente com a maior abertura de espírito, de compreensão e diálogo. Ficou proverbial a sua capacidade de ouvir, mesmo na controvérsia e debate. Em momentos extremos que teve de enfrentar, como os que ocorreram na sua Faculdade de Filosofia, nos tempos da pós-revolução de Abril, de 1974, revelou admirável longanimidade, logrando com inteligência, mansidão, respeito e tenacidade, assegurar o entendimento das partes e o bom funcionamento institucional. Pela mansidão à justiça, na voz do profeta vidente do Servo de lavé<sup>16</sup>.

A benevolência do Professor Lúcio era tão constante que chegou a levantar reparos. Eu próprio lhe confessei, alguma vez, estranheza por certas posições que me pareciam menos coerentes com a agudeza do seu juízo crítico. Ao que ele respondia com um sorriso, ou um leve sobressalto de ombros, “há que olhar mais para o positivo”, acrescentando, “mas sabe que há coisas em que não cedo!” A verdade é que ele via a partir do nível elevado em que se movia, de onde acertava perspectiva e focagem que lhe permitiam realçar o mais significativo, o traço positivo, a qualidade, o feito realizado, sobretudo tratando-se de pessoas. Célere a valorizar o bem, era relutante a mexer no negativo. Com sua visão larga e penetrante, conjugando sabiamente universal e singular, não confundia árvore e floresta, nem permitia que pormenor accidental toldasse minimamente a harmonia e beleza da obra ou da pessoa. Antes a misericórdia que o sacrifício<sup>17</sup>.

### 3.4

#### O amigo

Que dizer da figura acolhedora do Padre Lúcio, do sorriso afável sempre alerta, do amigo? Somos quantos, aqueles que o sentimos, nas mais diversas circunstâncias de nossas vidas? Não importa quantos, é certo, que ele não olhava a número nem a condição, tão magnânimo foi de coração como de espírito. Verdadeiro cultor da amizade e do afecto, que tão abundantemente distribuiu, mereceu naturalmente caloroso lugar nos corações de todos e todas que estimou. É consolador ter podido testemunhar a estima geral que lhe foi manifestada dos mais diversos modos. Quase em símbolo, evoco a este respeito, o quadro singelo que havia de ser o do meu último encontro com o Professor Lúcio Craveiro.

Estávamos em Julho a terminar exames e procurava eu um colega no bar dos Professores, em Gualtar. Não vi colega mas, com surpresa, deparei com o Professor Lúcio que me apressei a saudar com alegria. Estava acompanhado de duas grandes amigas, para mim muito familiares no comum afecto ao Padre Lúcio. Pareceu-me ele, ao contrário do usual, um pouco abatido, e elas discretamente apreensivas e tristes. A minha pressa não deu para muita fala,



mas o suficiente para perceber que tinha havido consulta médica e que novos cuidados se impunham. Sossegou-me o Professor Lúcio, ao seu modo de sempre, que não havia problema, que as amigas é que estavam a preocupar-se demasiado. Parti para a minha tarefa, mas depressa vim a confirmar a gravidade da doença. Na realidade, seria o nosso último encontro tão gratuito como o primeiro, mas igualmente envolto no calor da amizade em que toda a vida bateu o coração do nosso Amigo.

### 3.5

#### Afinal, o que movia Lúcio Craveiro?

Para o filósofo que ele também foi, a busca das causas é fonte maior de conhecimento. Ele próprio, na procura do entendimento das figuras que estudou, como as de Antero e de Vieira, nos indicou um modo de resposta. Em palavras suas, sobre o que os moveu: "ambos foram tremendamente lutadores, ambos se entregaram a um ideal, como cavaleiros andantes que serviram a sua dama. Com afinco, sem reservas, com paixão. É certo que a "dama" que serviram surge muito diferente num e noutra"<sup>18</sup>.

A alma, o ideal, e a paixão indomável, adivinhadas e identificadas nas figuras de que ele próprio se encantou, talvez nos permitam aperceber também que algo similar o movia a ele próprio, com análogo arrebatamento. Também nele a "dama" seria diferente, por certo, mas não menos apaixonante. Contemplando, quanto me é possível, a vida do Padre Lúcio, tenho para mim que o motor propulsor do seu empreendimento, o íman ordenador dos mais diferentes trabalhos, projectos, sofrimentos, realizações, encargos, numa palavra, o seu "segredo", vem-lhe da fé e fidelidade à pessoa de Jesus Cristo: n'Este real humano do divino, terá encontrado o modelo para desenho da sua própria "alma" e destino.

O Padre Lúcio, para além de todas as actividades, papéis e estatutos da sua vida, foi religioso sacerdote da Companhia de Jesus. Homem Espiritual, exemplar jesuíta! Na homenagem que lhe foi prestada na também "sua" casa da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa, na breve resposta aos elogios e manifestações de apreço, designadamente

proferidas por Autoridades da Igreja Católica e da Companhia de Jesus, narrou uma das histórias de sua vida que mais me impressionou. Agradecia, sim, com profunda gratidão, o reconhecimento e amizade de Superiores, Companheiros e Amigos. Mas confessava o íntimo sentimento de não se julgar causa e autor daquelas boas obras que lhe atribuíam. Deus é a causa. E mais: ia manifestar um segredo pessoal. É que tinha para ele que uma outra causa auxiliar intervinha nesta protecção: a oração que por sua intenção era feita, em cada dia, pelas Irmãs Religiosas da Congregação de que era Conselheiro Eclesiástico<sup>19</sup>. A memória desta confidência em cenário de pública homenagem, ainda hoje me emociona e fascina, na sua tocante piedade e humilde consciência da força espiritual que movia a sua acção.

Desejo concluir, dedicando ao Padre Lúcio Craveiro as palavras de André de Barros sobre o Padre António Vieira, os três, afinal, irmãos na Companhia de Jesus: ... "Assim foi em tudo admirável o padre António Vieira... Foi magnânimo, generoso e forte; de coração sublime e talhado para altas empresas; no adverso constante, no próspero modesto. Foi liberal em grau heróico... Foi prudente, de profundo juízo, grave, afável, compassivo, desprezador do mundo, e dotado de altos espíritos e elevadas ideias. Enfim, ajuntou nele a liberalidade divina prendas e talentos com mão tão larga, que é contado entre aqueles ilustres heróis, com que de século em século, costuma sair a Omnipotência"<sup>20</sup>. Assim foi, no seu modo singular, o nosso admirável, Mestre, amigo, Padre Lúcio Craveiro da Silva.

## Notas

<sup>1</sup> Mt.12.21-22, *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1976, 14.ª ed. 1988, p. 1304. Contexto do versículo: "Assim, cumprir-se-ia o que fora anunciado pelo profeta Isaías: aqui está o Meu servo que escolhi, o Meu amado, em que pus todo o meu enlevo. Derramarei sobre Ele o Meu espírito, e Ele anunciará a verdadeira fé às nações. Não disputará nem bradará, e ninguém ouvirá nas praças a Sua voz. Não quebrará a cana fendida, nem apagará a mecha que fumega, até conduzir à vitória a justiça. E no Seu nome hão-de esperar as nações." Mt. 12.17-22.

<sup>2</sup> Nomeado na mesma data de criação do Conselho, 2 de Junho de 1986 (RT-14, RT-15).

<sup>3</sup> Lúcio Craveiro, *UM Boletim*, n.º 112, 2003, retomado em *Biobibliografia sobre a Universidade*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2004, p. 183.

<sup>4</sup> *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Organização de Vítor Aguiar e Silva, Acílio Rocha e Norberto Cunha, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 1994.

<sup>5</sup> *Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva*, Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo LII, Janeiro-Dezembro de 1996, Fascs. 1-4, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 1996.

<sup>6</sup> Acílio Rocha, "Perspectivas da Prospectiva": acerca da obra de Lúcio Craveiro da Silva", *Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva*, o. c., pp. 1-26.

<sup>7</sup> Acílio Rocha, "Proémio", in Lúcio Craveiro da Silva, *Biobibliografia sobre a Universidade*, [Henrique Barreto Nunes, "Bibliografia", Manuel Gama, Organização e Revisão], "Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2004, p. 9-55.

<sup>8</sup> A posse de Reitor ocorreu em 18-01-1982, tendo exercido até 27-11-1984. Era Reitor em exercício de funções desde 1 de Set. de 1981, tendo sido antes Vice-Reitor a partir de 5-12-79.

<sup>9</sup> Vítor Aguiar e Silva, (Coord.), *20 Anos de História da Universidade do Minho*, Prólogo, p. 11, Universidade do Minho, Braga, 1994.

<sup>10</sup> Lúcio Craveiro da Silva, *Ensaios de Filosofia Cultura Portuguesa*, Faculdade de Filosofia, Braga, 1994.

<sup>11</sup> *Mutiny on the Bounty (Revolta na Bounty)* é o nome de várias obras de literatura e de cinema relacionadas com a revolta histórica de parte da Tripulação do navio da Armada Britânica do mesmo nome, *Bounty*, em 1789.

<sup>12</sup> João Mendes (1910-1972), sacerdote religioso jesuíta, insigne humanista, professor e ensaísta, Professor de Teoria e História da Literatura, Crítico Literário e Redactor habitual da Revista *Brotéria*, Formador e Prefeito de estudos dos Estudantes Jesuítas no Curso de Humanidades, durante gerações. Neste contexto cultivava com particular cuidado, entre outros métodos e actividades de formação, a prática sistemática da arte teatral, para a qual seleccionava, adaptava e encenava, com arte e entusiasmo, obras de referência, de que a citada oferece exemplo.

<sup>13</sup> A relação do Prof. Lúcio com este curso mereceria aprofundamento, pelo seu especial significado na história da Universidade do Minho. Para além do seu papel fundacional, juntamente com o Prof. Joaquim Barbosa Romero, ambos membros da Comissão Instaladora

da Universidade, ele foi Professor de História das Ideias e Presidente do Conselho de Curso, na sua fase inicial, em que também participei intensamente. Este curso, a muitos títulos original, teve entre outras, a particularidade de catalisar o crescimento das Ciências Sociais na Universidade do Minho, e a de ter constituído exemplo da cooperação interdisciplinar tão cara ao modelo matricial, duas dimensões promissoras no extraordinário desenvolvimento da Universidade que a Fortuna não acarinhou. É verdade que, infelizmente, também não puderam contar com o cuidado directo do Prof. Lúcio. Permaneceram, todavia, as boas sementes, hoje árvores frondosas.

<sup>14</sup> Referido por Lúcio Craveiro da Silva, a partir de *Identidade Europeia e Identidade Portuguesa*, in "O Prof. Adriano Moreira, Doutor *Honoris Causa*", Discurso proferido na Universidade da Beira Interior, na cerimónia de Doutoramento H.C., em 30 de Abril de 2002, publicado em Separata do *Boletim* da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, n.º 29 (2002), p. 136.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

<sup>16</sup> Foi a transparência desta atitude compreensiva e bondosa que me inspirou a epígrafe para este texto e sua referência na nota 1.

<sup>17</sup> A este propósito, refiro, com particular agrado, o sentido oportuno e o significado do texto "Compassion in Mahayana Buddhism", de José Antunes da Silva, incluído em *Homenagem ao Prof. Lúcio Craveiro da Silva, o.c.*, p. 813-830.

<sup>18</sup> Lúcio Craveiro da Silva, *Padre António Vieira e Antero de Quental*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Hespérides/Literatura, 1998, p. 44.

<sup>19</sup> Congregação das Reparadoras de Nossa Senhora das Dores, de Fátima, da qual durante muitos anos foi Conselheiro Eclesiástico, por nomeação Episcopal.

<sup>20</sup> André de Barros, *Vida do Padre António Vieira*, livr. V, p. 66, cit. por Padre Gonçalo Alves, *Sermões*, vol. I, Livraria Chardron de Lello e Irmão, Porto, 1907, p. LXVI.